



Contextualização

ENTENDENDO A MIGRAÇÃO GLOBAL. Uma perspectiva desde a transformação social*

Stephen Castles**

Este artigo pretende examinar algumas das dificuldades da elaboração teórica no estudo das migrações internacionais e sugerir uma resposta. O ponto inicial é um exame da percepção predominante da “migração como um problema”. Em seguida apresenta-se uma discussão sobre alguns dos principais obstáculos para um avanço teórico nos estudos sobre migrações. Concordo que uma teoria geral das migrações é, além de impossível, indesejada. Porém, podemos progredir sensivelmente mediante o re-enraizamento (*re-embedding*)¹ da pesquisa sobre migrações num entendimento mais geral da sociedade contemporânea e conectando-a a teorias mais amplas da mudança social no âmbito de várias disciplinas das ciências sociais. Um marco conceitual do estudo das migrações deve considerar a transformação social como sua categoria central, no intuito de facilitar o entendimento da complexidade, interconectividade, variabilidade, contextualidade e mediações multiniveladas dos processos migratórios num contexto de acelerada transformação global. Isso significaria examinar os elos entre transformação social e mobilidade

* Este artigo - com exceção de parte da introdução - foi publicado em sua versão original em inglês na revista *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 36, n. 10, 2010. A tradução em português e a publicação pela REMHU foram autorizadas pelo autor e pela Taylor & Francis Ltd. Tradução de Luana Faria.

** Professor pesquisador de Sociologia na Universidade de Sydney e autor de numerosos artigos e livros, entre os quais *“The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World”* (com Mark Miller, 2003) e *“Migration and Development: Perspectives from the South”* (com Raul Delgado Wise, 2008). Sydney/Austrália.

¹ Levando em conta as possíveis traduções do termo *“embed/embeddedness”* (imersão, imbricação, enraizamento, incrustação), optamos para colocar entre parênteses o termo original no idioma inglês, sempre que for usado no texto.

humana na conjuntura dos níveis socioespaciais, enquanto procura-se entender como a ação humana (*agency*)² pode condicionar as respostas a fatores estruturais. O argumento é ilustrado através do exemplo da mudança nas dinâmicas da força de trabalho nos países mais desenvolvidos.

Palavras-chave: Teoria das migrações; Teoria social; Transformação social; Níveis socioespaciais; *Agency*; Estrutura

Introdução³

Há mais de dez anos, Massey, Arango, Hugo, Kouaouci, Pellegrino e Taylor afirmaram que:

Os conceitos teóricos, agora empregados pelos cientistas sociais para analisar e explicar a migração internacional foram elaborados, inicialmente, na era industrial e refletem seus regimes econômicos particulares, suas instituições sociais, tecnologia, demografia e políticas... A abordagem clássica entrou agora em um estado crítico, desafiado por novas ideias, conceitos e hipóteses.⁴

Embora, como eles apontaram, “estas novas formas de pensar ainda não culminaram em uma só teoria”, Massey e seus colaboradores acreditavam que “havia chegado... a hora de reavaliar as teorias sobre migração internacional e trazê-las à conformidade com as novas condições empíricas”. O “mundo pós-industrial, pós-guerra fria” requiritava uma nova teoria das migrações, apropriada para “um novo século”.⁵ Essa foi a declaração programática de um livro muito importante, que, de fato, queria apresentar uma nova síntese como base para uma “única” (e implicitamente geral) teoria.

Doze anos mais tarde, o crescimento exponencial da pesquisa sociocientífica, no que se refere à mobilidade humana internacional, continua: temos muito mais pesquisas, cursos universitários, estudantes, projetos de pesquisas, institutos, conferências, revistas científicas e publicações do que antes. Não obstante, a busca por um único marco teórico aceito para o estudo das migrações permanece sem resultados. Ainda falta um corpo de conhecimento cumulativo para explicar porque

² Pela riqueza semântica do termo sociológico de *agency*, manteremos entre parênteses o termo original e sua tradução dentro do contexto.

³ Este artigo é uma versão revisada de um texto originalmente apresentado na Conferência sobre *Theories of Migration and Social Change* organizada pelo *International Migration Institute and the Centre on Migration, Policy and Society*, da Universidade de Oxford, 1-3 Julho de 2008. Agradeço aos participantes da conferência pelos comentários e sugestões. Agradeço também Hein de Haas por sua crítica detalhada e sugestões, bem como Han Entzinger por seus úteis comentários da revisão.

⁴ MASSEY, Douglas S. et alii. *Worlds in Motion*. Understanding International Migration at the End of the Millennium, p. 3.

⁵ *Ibidem*.

algumas pessoas deslocam-se, enquanto a maioria não, e o que isso significa para as sociedades envolvidas. Embora pareça haver concórdia em alguns assuntos – como, por exemplo, a importância das redes migratórias – não há um marco conceitual comum que poderia servir de ponto de partida para debates intelectuais e para a formulação de hipóteses e perguntas de pesquisa.

Este artigo começa por analisar o “viés sedentário” nos debates sobre migração e prossegue ao tratar o motivo pelo qual é tão difícil desenvolver e estabelecer um consenso sobre um marco conceitual comum no estudo das migrações. Um problema-chave é a tendência de enxergar a migração como sendo completamente distinta das relações sociais em sentido mais amplo, e dos processos de mudanças. Defendo a necessidade de enraizar (*embed*) a pesquisa sobre migração em um entendimento mais geral da sociedade contemporânea. Isso requer métodos de investigação que partem de uma situação de mudança rápida e generalizada. Refiro-me a estes processos como *transformação social*, um rótulo conveniente para facilitar a discussão da complexidade, interconectividade, variabilidade, contextualização e das mediações multiniveladas da transformação global. O artigo vincula a análise da migração a importantes correntes teóricas e metodológicas de diversas disciplinas sociocientíficas e ilustra a pesquisa interdisciplinar da transformação social ao examinar, por exemplo, a mudança na força de trabalho nas economias do norte.

Minha análise aponta para diferentes conclusões a Alejandro Portes.⁶ Portes afirma que a migração geralmente não muda as estruturas fundamentais e institucionais nas sociedades desenvolvidas. Em contraste, defendo que a migração é, na verdade, parte do processo de transformação destas estruturas e instituições, que nasce através de grandes mudanças nas relações sociais, econômicas e políticas globais.

Este artigo foi originalmente escrito como parte de um debate internacional e esteia-se em minha pesquisa experimental na Europa, Austrália, Ásia e África. Entretanto, a abordagem de transformação social no âmbito da pesquisa migratória aqui defendida parece particularmente apropriada para a América Latina: mais de cinco séculos de transformação social sempre envolveram migrações – porém, de uma forma que mudou bruscamente como reflexo de mudanças globais nas relações de poder. O estabelecimento dos Europeus (especialmente espanhóis e portugueses) foi parte da transformação colonial e destruição das civilizações precedentes. Seguindo as batalhas pela independência do século 19, novos fluxos de

⁶ Artigo da Revista JEMS, v. 36, n. 10, 2010, no prelo.

imigração Europeia (novamente da Espanha e de Portugal, mas também da Inglaterra, Alemanha, Irlanda e Europa Oriental) foram cruciais para o desenvolvimento de novos Estados-nação e novas economias. Desde os anos 70, a globalização neoliberal conduziu a uma desigualdade econômica e à centralização da riqueza e do poder nas mãos dos dominadores “países desenvolvidos” do norte. Como resultado, fluxos migratórios históricos foram invertidos: brasileiros agora migram para Portugal, EUA e Japão (dentre outros destinos), enquanto argentinos e equatorianos migram para Espanha e Itália. Profissionais latino-americanos entraram no esquema da fuga de cérebros sul-norte, enquanto os trabalhadores menos hábeis buscam a migração, frequentemente em condições de irregularidade, insegurança e exploração.

Um dos argumentos principais deste artigo é que as políticas migratórias geralmente falham em alcançar seus objetivos, pois governos e funcionários adotam uma visão de curto prazo das causas e consequências da migração.⁷ Os governantes enxergam a migração como um problema a ser resolvido, de preferência buscando formas para evitar que os migrantes abandonem suas terras de origem. Falta-lhes uma compreensão da migração como parte intrínseca do desenvolvimento humano, mediante a qual as pessoas respondem às oportunidades procedentes de fatores ambientais, econômicos e políticos nas possíveis áreas de chegada. Deveria ser tarefa dos intelectuais das migrações alertarem os governantes destas dimensões históricas das políticas migratórias, mas, muitas vezes, a pesquisa em migrações tornou-se integrada à máquina política, a qual demanda respostas rápidas para questões de curto prazo. Acredito que isso se deve a duas razões. Em primeiro lugar, os principais cientistas sociais ainda fundamentam seus trabalhos em modelos nacionais e tendem a negligenciar a importância dos movimentos transfronteiriços. A pesquisa migratória é, então, marginalizada dentro da hierarquia acadêmica. Em segundo lugar, por causa dessa marginalização, investigadores de assuntos migratórios tornam-se dependentes de subsídios governamentais para conseguirem projetos de consultoria para atender necessidades burocráticas. Isso restringe seus próprios horizontes e os distancia de teorias sociais inovadoras. Essa dupla marginalização pode ser superada, insisto, ao se relacionar a pesquisa migratória à análise de como sociedades contemporâneas estão sendo transformadas pela globalização neoliberal.

⁷ CASTLES, Stephen. “The factors that make e unmake migration policy”.

Migração, mobilidade e o “viés sedentário”

Alguns analistas têm sugerido que deveríamos abandonar o termo migração, pois sugere movimentos de longo prazo de um Estado-nação para outro, seguindo os padrões da migração laboral e de mudança de residência, vistos como típicos dos séculos 19 e 20. Contrariamente, o século 21 é considerado como uma época de fluidez e abertura, em que as mudanças nos transportes, tecnologia e cultura tornam normal que as pessoas pensem além das fronteiras e as cruzem com frequência.⁸ Movimentos com o propósito de estudo, profissionalização, casamento, aposentadoria ou estilo de vida estão assumindo maior importância, de tal forma que os velhos conceitos de migração não são mais concebidos como relevantes.

No entanto, esse quadro parece exagerado: realmente, como alegou Bauman, o direito à mobilidade é hoje mais seletivo e dependente da classe social do que antes.⁹ Os controles das fronteiras nacionais e a cooperação internacional na gestão das migrações se tornaram altamente restritivos. A maioria das pessoas não tem os recursos econômicos nem os direitos políticos necessários para a livre circulação. Apenas 3% da população mundial são migrantes internacionais.¹⁰ A utopia pós-moderna de um mundo de mobilidade sem fronteiras ainda não alvoreceu e, assim, ainda parece apropriado abordar as migrações como processos baseados na desigualdade e discriminação, e controlados e limitados pelos Estados.

O debate sobre migração-mobilidade pode ser inserido num discurso político. Nos anos que antecederam o colapso econômico de 2008, a combinação de fatores demográficos, econômicos e sociais levou a uma dependência crescente dos países altamente desenvolvidos em relação aos trabalhadores migrantes.¹¹ A contratação internacional de mão-de-obra especializada era considerado valiosa, enquanto a mão-de-obra não especializada era vista como incompatível nas novíssimas economias pós-industriais. Movimentos migratórios de trabalhadores especializados eram aclamados como *mobilidade* profissional, enquanto os de trabalhadores sem qualificação eram condenados como *migração* indesejada. A mobilidade era considerada positiva por ser o emblema de uma sociedade moderna aberta; a migração sugeria ser ruim por suscitar memórias arcaicas de invasão e deslocamento. Contudo, me parece

⁸ URRY, John. *Mobilities*.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Globalization: The Human Consequences*.

¹⁰ UNDESA. *Trends in Total Migrant Stock: The 2005 Revision*.

¹¹ CASTLES, Stephen. “Guestworkers in Europe: a resurrection?”, p. 741–66. Cf. CEC. *Green Paper on an EU Approach to Managing Economic Migration*.

que o foco sobre a migração, ao invés da mobilidade, reflita melhor as reais relações de poder. Há boas razões para se acreditar que os fatores estruturais subjacentes à migração de mão-de-obra – particularmente de países de baixa e média renda para países ricos – vão se reafirmar rapidamente após a crise financeira global (CEG) de 2007-2009.

Mais um ponto deve ser observado: o discurso político predominante enxerga as migrações como um *problema* que deve ser corrigido com leis apropriadas. A variante repressiva é o controle fronteiriço rígido, enquanto que a variante mais liberal busca enfrentar as “causas fundamentais” da migração – especialmente a pobreza e a violência nos países de origem – de modo que as pessoas não tenham que migrar. De qualquer forma, a migração é vista como sendo ameaçadora e disfuncional. Bakewell¹² demonstrou como esse discurso – o qual ele denomina “viés sedentário” – dá continuidade a uma longínqua tradição iniciada com as leis coloniais e persiste na maior parte das agências de desenvolvimento contemporâneas: se migrarem, os pobres constituem uma ameaça à prosperidade e à ordem pública e devem, portanto, ficar na própria terra. Entretanto, visto que os países ricos precisam da mão-de-obra dos migrantes, a expressão corrente do “viés sedentário” não é uma proibição dos movimentos Sul-Norte dos trabalhadores menos qualificados, mas sim a ideia de que a *migração circular* é uma situação “em que todos ganham” (*win-win-win*); tanto para os países que importam a mão-de-obra, quanto para os países de origem e para os próprios migrantes.¹³

Ainda, as perspectivas históricas demonstram que a migração constitui um aspecto normal da vida social – e especialmente de mudança social – ao longo dos tempos. O ritmo acelerado das mudanças, interligado ao desenvolvimento do mercado capitalista mundial, desde o século 16, foi a razão da expansão das migrações – especialmente de longas distâncias. A formação do Estado-nação, a expansão colonial e o imperialismo implicaram em conflitos, violência, deslocamentos induzidos pelo desenvolvimento e o crescimento da migração forçada. A migração no período colonial apresentou tanto a forma de mobilidade de administradores, comerciantes e militares (em linguagem moderna, a mobilidade profissional), quanto a migração baseada na desigualdade e coerção: escravos, trabalhadores contratados, etc.¹⁴

¹² BAKEWELL, Oliver. “Keeping Them in their Place: The Ambivalent Relationship between Development and Migration in Africa”.

¹³ CEC. *Communication from the Commission: Policy Plan on Legal Migration*.

¹⁴ COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*.

Todavia, a migração também tem consequências positivas para os migrantes e suas comunidades de origem. Pessoas podem deslocar-se de lugares de baixa renda e de poucas oportunidades para lugares onde o crescimento econômico e a inovação oferecem novas oportunidades. Fluxos de retorno de remessas, tecnologia e ideias podem, em determinadas circunstâncias, gerar mudanças positivas na terra de origem. O *relatório do desenvolvimento humano* do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2009, chama a atenção para o potencial que tem a migração em aumentar o bem-estar e as capacidades humanas.¹⁵

A grande onda de industrialização do século 19 até o começo do século 20 levou ao que Hatton e Williamson chamam de primeira “era da migração em massa”,¹⁶ enquanto a acelerada globalização depois de 1945 levou a uma segunda “era da migração”. Esta onda atual tem ido muito além do que a primeira porque abrange virtualmente todas as regiões do mundo, enquanto a primeira onda focou prioritariamente na “economia Atlântica”.¹⁷ As migrações aumentaram mais do que nunca nos últimos 30 anos por causa do passo acelerado da globalização. A frase anteriormente mencionada – de que ‘apenas 3% da população global é de migrantes internacionais’ – obscurece a importância da migração enquanto expressão de mudança social e fomento a novas mudanças, pois dissimula a natureza extremamente concentrada das migrações: em algumas áreas de origem estabeleceram-se culturas de emigração, enquanto a presença de imigrantes é concentrada em países (10-25% da população dos países da OCDE) e cidades (20-45% em muitas cidades globais) desenvolvidas. Além disso, muito mais pessoas se movem dentro de seus próprios países do que internacionalmente¹⁸ – apesar de que elas também podem vir a encontrar obstáculos legais, econômicos, culturais e sociais. O problema não é a migração em si, mas sim as condições de desigualdade sob as quais muitas das migrações Sul-Norte se realizam. Estas levam à marginalização e à exploração de muitos migrantes. O desenvolvimento não reduzirá as migrações.¹⁹ Se houvesse menos desigualdade (e, então, menos pobreza e insegurança humana) não haveria menos migração, mas ela ocorreria em circunstâncias muito diferentes.

¹⁵ UNDP. *Human Development Report 2009: Overcoming Barriers: Human Mobility and Development*.

¹⁶ HATTON, Timothy; WILLIAMSON, Jeffrey. *The Age of Mass Migration: Causes and Economic Effects*; IDEM. *Global Migration and the World Economy*.

¹⁷ CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*.

¹⁸ KING, Russell; SKELDON, Ronald. “‘Mind the Gap!’ Integrating Approaches to Internal and International Migration”.

¹⁹ DE HAAS, Hein. *Turning the Tide? Why ‘Development Instead of Migration’ Policies are Bound to Fail*.

Estas considerações refletem a dificuldade de separação entre o sociocientífico e o político no entendimento das migrações. As reivindicações de neutralidade acadêmica podem mascarar um “viés sedentário” – uma suposição inquestionável de que a migração é algo ruim. No entanto, as teorias de migração global não deveriam basear-se no objetivo normativo de encontrar meios de ajudar as pessoas a permanecerem na própria terra. Ao invés disso, elas devem basear-se no postulado de que a migração é parte normal das relações sociais. Devem ajudar-nos a analisar a dinâmica das migrações, não em separado, mas como parte de processos complexos e variados de mudança social. Se houvesse um objetivo normativo, este não deveria ser o de reduzir as migrações, mas de encontrar meios mediante os quais estas possam acontecer sob condições de igualdade e respeito aos direitos humanos.

O difícil caminho para uma “única teoria” da migração

Esta seção discute alguns dos grandes obstáculos para o avanço teórico nos estudos das migrações. Estes temas têm sido extensivamente abordados na literatura específica, portanto, serão tratados aqui de forma sucinta.

Interdisciplinaridade

As ciências naturais são construídas sobre um corpo de conhecimento aceito e cumulativo, originado de trabalhos teóricos e empíricos anteriores, e que serve como base para a formulação de hipóteses, questionamentos e metodologias para novas pesquisas – o que não implica numa teoria estática e dogmática, pois as “revoluções científicas”²⁰ podem levar à revisão de ideias fundamentais. Algumas ciências sociais (tais como economia e demografia) tentam imitar as ciências naturais ao apresentarem modelos baseados em dados quantitativos, enquanto outras (tais como antropologia e sociologia) não podem fazê-lo, devido à imprevisibilidade e complexidade dos grupos e dos relacionamentos com os quais eles lidam, bem como à carência frequente de dados quantificáveis. Com efeito, pode ser argumentado que os modelos usados em economia e em demografia realmente representam uma simplificação excessiva dos complexos e diversificados padrões de comportamento,²¹ e, portanto, precisam se vincular às visões de outras

²⁰ KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*.

²¹ CASTLES, Stephen. *Development and Migration - Migration and Development: What Comes First?*

disciplinas. O ponto, porém, é que outras ciências sociais não podem nem tentar evitar a complexidade e a desordem do mundo real.

É difícil para um campo interdisciplinar, tal como dos estudos das migrações, desenvolver um corpo de conhecimento consensual, sendo que a este problema soma-se ainda o rápido crescimento do campo nos últimos 20-30 anos. Como era de se esperar, os novos pesquisadores, na medida em que foram atraídos ao estudo das migrações, têm aplicado as ferramentas conceituais e metodológicas de suas próprias disciplinas. As estruturas de incentivo da hierarquia acadêmica, baseada na disciplina, fazem este fato difícil de ser evitado. O resultado é que a pesquisa em migrações é fragmentada, com pouca colaboração analítica e metodológica por entre as disciplinas. O viés disciplinar tem geralmente significado uma abordagem reducionista, que foca aspectos limitados das experiências migratórias, bloqueando o conhecimento do processo migratório como um todo.

A migração abrange todas as dimensões da existência social e, portanto, demanda uma abordagem interdisciplinar. Muitos esforços têm sido feitos nesse sentido, por meio de grupos interdisciplinares de pesquisadores e trabalhos teóricos que buscam estimular “o diálogo entre as disciplinas”.²² No entanto, geralmente, as tentativas interdisciplinares têm sido mais aditivas do que integrativas – de forma que cada disciplina contribui com aspectos suscetíveis a seu caráter analítico, mas sem uma síntese conjugada. De fato o problema da fragmentação não existe somente entre as disciplinas, mas também dentro delas. Por exemplo, o cisma entre a teoria econômica neoclássica e a “nova economia da migração laboral”, ou entre a abordagem funcionalista e a histórico-institucional em sociologia, parecem ser tão profundas quanto aquelas entre as abordagens econômicas ou legalistas das migrações.

Fragmentação com base em critérios espaciais ou funcionais

Massey e seus colaboradores argumentam que os estudos migratórios estão divididos entre pesquisas sobre as causas, os processos e os padrões migratórios em si mesmos (o que eles denominam “determinantes da migração”) e pesquisas sobre como os migrantes são integrados nas sociedades de acolhida (“assimilação dos imigrantes”).²³ Na verdade, existem algumas outras divisões.

²² BRETTELL, Caroline; HOLLIFIELD, James (eds.). *Migration Theory: Talking Across Disciplines*.

²³ Cf. MASSEY, Douglas *et alii*, *op. cit.*, p. 3.

Pesquisadores das migrações internas geralmente têm pouco contato com aqueles que trabalham no campo das migrações internacionais. Estudos das migrações nos países menos desenvolvidos não raramente têm como ponto de partida a pesquisa da pobreza e podem estar insuficientemente interligados a outras áreas da pesquisa em migração. Os estudos das migrações em regiões específicas são geralmente ligados às áreas estudadas (estudos africanos, estudos no Oriente-Médio e assim por diante) e, deste modo, podem ser formulados em termos espaciais específicos, sem muito diálogo com cientistas sociais de outras localidades. A investigação em migrações forçadas é, geralmente, isolada das outras áreas de estudos migratórios e tem duas vertentes distintas: asilo e refugiados no norte, e assuntos humanitários no sul. O subcampo emergente de migração e desenvolvimento tem tentado cruzar as fronteiras disciplinares, mas, em sua história relativamente curta, tem estado limitado demais à governança e às políticas migratórias para contribuir de fato para a construção de uma teoria.

Os intelectuais das migrações tendem a ser altamente especializados e cada subcampo tem literaturas distintas, bem como diferentes corpos de conhecimento. Existem centros específicos de pesquisa, periódicos e conferências. Os resultados desta situação incluem o fracasso em compreender o caráter histórico das migrações, suposições erradas de monocausalidade e uma incapacidade de entender a dinâmica global do processo migratório e seu enraizamento (*embeddedness*) nos processos de mudança social.

Proximidade com as agendas políticas e burocráticas

As ciências sociais surgiram nas sociedades industriais onde todos os tipos de relações sociais eram vistos como sendo política e culturalmente estruturadas pelo Estado-nação.²⁴ Beck alega que a teoria social contemporânea ainda está presa “no beco sem saída do ‘nacionalismo metodológico’”.²⁵ O problema é particularmente grave no estudo das migrações²⁶ porque o controle do pertencimento a uma comunidade nacional sempre foi essencial para a soberania do Estado-nação. Hoje, a

²⁴ CONNELL, Robert. “Why is classical theory classical?”; FAIST, Thomas. *The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces*.

²⁵ BECK, Ulrich. *Was ist Globalisierung?*

²⁶ WIMMER, Andreas; GLICK SCHILLER, Nina. “Methodological nationalism, the social sciences and the study of migration”.

pesquisa das migrações ainda tende a estar ligada a experiências históricas específicas de gestão das migrações e da diversidade.²⁷

A recente politização de questões migratórias e a questão da integração dos migrantes têm acentuado o dilema de uma pesquisa conduzida pela política. Os governos têm encomendado um amplo volume de investigações sobre esses temas, o que ajudou a angariar fundos para trabalhos empíricos, apontar novas áreas de pesquisa e encorajar a expansão dos estudos em migração. Por outro lado, os estudos encomendados pelo governo podem significar que as questões de pesquisas, os métodos e até mesmo os resultados das investigações possam estar influenciados pelos interesses políticos. Pesquisas conduzidas pela política normalmente fornecem soluções momentâneas e simplórias para enfrentar questões sociais complexas e de longo prazo. Muitas das investigações conduzidas pela política são, não apenas ciência social de má qualidade, mas também um guia pobre à formulação de políticas de sucesso e uma das razões da carência de informação sobre migrações por parte de muitos governos.²⁸

O viés dos países de acolhida

A maior parte da pesquisa migratória tem como ponto de partida a situação nos países do norte, negligenciando as perspectivas dos países de origem e de trânsito e dos migrantes, o que não é de se surpreender, pois os fundos e competências para as pesquisas estão concentrados no norte. Quando o Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais dos Estados Unidos (CPCS) celebrou sua primeira grande conferência em teoria da migração em 1996, encomendou artigos exclusivamente a especialistas norte-americanos. As publicações resultantes²⁹ focavam principalmente nas questões de integração dos migrantes às sociedades de destino (assimilação, pluralismo, etc.) e no impacto que isso causa “no modelo de vida e nas instituições norte-americanos”. Alguns anos depois, o CPCS e a Universidade de Princeton quiseram estender o debate ao incluir “especialistas em imigração de ambos os lados do Atlântico”.³⁰ Os esforços

²⁷ VASTA, Ellie; VUDDAMALAY, Vasoodeven. *International Migration and the Social Sciences: Confronting National Experiences in Australia, France and Germany*.

²⁸ BHAGWATI, Jagdish. “Borders beyond control”, p. 98–104; CASTLES, Stephen. “Why migration policies fail”.

²⁹ HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Josh. *The Handbook of International Migration: the American Experience*. PORTES, Alejandro. “Immigration theory for a new century: some problems and opportunities”.

³⁰ PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh (eds.). “Conceptual and methodological developments in the study of international migration”.

européus em revisar o “estado da arte” da teoria da migração foram, também, focados essencialmente na perspectiva do norte.³¹

Debates recentes sobre migrações e desenvolvimento levaram a um alargamento da abordagem e do reconhecimento da necessidade de cooperação entre os pesquisadores dos países de origem, trânsito e destino. As agências internacionais (tais como a Organização Internacional das Migrações – OIM, a Organização Internacional do Trabalho – OIT e a UNESCO) tentaram construir redes que incluíssem pesquisadores do sul. Publicações como *Asian e Pacific Migration Journal*, com sede em Manila, ampliam a disseminação da pesquisa no sul. A iniciativa do CPCS em migrações e desenvolvimento em 2008 incluiu alguns pesquisadores do sul. A Comissão Global sobre Migrações e Desenvolvimento (CGMD, 2005) e o Fórum Global sobre Migrações e Desenvolvimento (FGMD) incluíram políticos do sul, sociedade civil e acadêmicos. A “perspectiva do sul”³² está começando a ser incluída nos debates internacionais.

Ainda assim, existem poucos indícios de que tais tendências tenham provocado suficientes efeitos sobre as abordagens dominantes no estudo das migrações. Na Europa, as principais políticas continuam enfatizando as relações custo-benefício para as sociedades de acolhida e as questões de controle migratório (ou, mais eufemisticamente, “administração migratória”). Um reflexo disso é a renovada preocupação com a integração. Nos anos 70-80 muitos países tinham abandonado a abordagem assimilacionista em relação a migrantes e minorias. Mas a tendência em direção ao multiculturalismo ou pluralismo entrou em um impasse nos anos 90, frente aos apelos políticos e midiáticos de supostas ameaças à identidade e à segurança nacional por parte dos migrantes (especialmente os muçulmanos). Essas novas tendências políticas são refletidas em renovadas teorias sociocientíficas de assimilação. Às abordagens neo-assimilacionistas³³ recentemente somaram-se aos discursos sobre coesão social e capital social, que defendem que a diversidade põe em risco a solidariedade em que se fundamentam os Estados-nação democráticos.³⁴ Tais correntes sociocientíficas, por sua vez, ajudaram a

³¹ PENNINX, Rinus; BERGER, Maria; KRAAL, Karen (eds.). *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe*.

³² CASTLES, Stephen; DELGADO WISE, Raúl (eds.). *Migration and Development: Perspectives from the South*. MANUH, Takyiwaa (ed.). *At Home in the World? International Migration and Development in Contemporary Ghana and West Africa*.

³³ ALBA, Richard; NEE, Victor. “Rethinking assimilation theory for a new era of immigration”; ENTZINGER, Han. “The rise e fall of multiculturalism: the case of the Netherlands”. Ver também: JOPPKE, Christian; MORAWASKA, Ewa (eds.). *Towards Assimilation e Citizenship: Immigration in Liberal Nation-States*.

³⁴ VASTA, Ellie. “From ethnic minorities to ethnic majority policy: multiculturalism and the shift to assimilationism in the Netherlands”.

justificar mudanças nas políticas nacionais, tais como a introdução dos “contratos de integração” e testes de cidadania, em países como França, Alemanha, Inglaterra, Holanda e Austrália.

O isolamento dos estudos migratórios de tendências mais amplas na teoria social contemporânea

Especialistas em migração geralmente se encontram marginalizados no âmbito das ciências sociais porque muitos dos principais teóricos sociais não consideram a migração como sendo uma área importante de investigação. Por cruzarem transversalmente as fronteiras disciplinares, os estudos migratórios acabam por receber pouca aceitação nos departamentos convencionais. Como resultado, a pesquisa migratória geralmente desenvolve-se em centros de pesquisa fortemente dependentes de subsídios externos, o que força os pesquisadores a empreenderem trabalhos de consultoria conduzidos politicamente – o que, por sua vez, confirma o preconceito contra o estudo interdisciplinar por parte dos cientistas sociais convencionais.

Para entender completamente o exposto, seria necessário um estudo detalhado das características institucionais e intelectuais das ciências sociais em cada país. Na Grã-Bretanha, por exemplo, a primeira resposta à imigração dentro da Nova *Commonwealth* dos anos 50-60 foi a reformulação das teorias de assimilação e aculturação da Escola de Sociologia de Chicago do período pré Segunda Guerra Mundial. Entretanto, nos anos 70, questões sobre racismo, identidade cultural, classe e gênero – influenciadas consideravelmente por estudiosos negros, feministas e marxistas – começaram a desempenhar um papel importante. Enquanto isso, tais abordagens se tornaram parte de um corpo aceito de análise social, mas nem sempre avançaram para abraçar as novas formas complexas de mobilidade global que afetava o Reino Unido. Nos últimos anos, o problema das barreiras disciplinares piorou, devido ao peso que a *Britain's Research Assessment Exercise* atribui às publicações em periódicos disciplinares e que faz com que os jovens acadêmicos temam as consequências de se publicar em periódicos sobre migrações.

A teoria da globalização está agora no centro dos debates sociocientíficos internacionais e a mobilidade humana é uma forma crucial de globalização. Apesar disso, muitos dos trabalhos seminais sobre globalização, como aqueles de Castells, Albrow e Beck³⁵, negligenciam a

³⁵ CASTELLS, Manuel. *The Rise of the Network Society*; IDEM. *The Power of Identity*; IDEM. *End of Millennium*; ALBROW, Martin. *The Global Age*; BECK, Ulrich, *op. cit.*

mobilidade humana. Existem exemplos contrastantes, como será discutido adiante, mas a análise das migrações como elemento central de uma mudança social global é ainda a exceção.

Complexidade, diversidade e contexto

Um grande obstáculo à estruturação de uma teoria é a complexidade e a diversidade das experiências migratórias, o que criou problemas específicos para os economistas. O modelo Harris-Todaro, que sustenta a abordagem neoclássica, presume que a mobilidade é motivada pelo desejo individual de maximizar a renda, baseando-se na comparação racional do custo-benefício entre permanecer no lugar de origem ou de migrar. A mera existência de disparidades econômicas entre distintas áreas deveria ser suficiente para gerar fluxos migratórios. A longo prazo, tais fluxos devem ajudar a igualar os salários e as condições nas regiões em desenvolvimento e desenvolvidas, gerando um equilíbrio econômico.³⁶ Este modelo foi desenvolvido para analisar movimentos internos em países em desenvolvimento, mas é considerado como sendo aplicável também às migrações internacionais, desde que se dê atenção às limitações decorrentes do papel dos Estados e seu poder desigual. Este modelo sugere uma transição, a longo prazo, para “um mundo neoclássico de um único setor, com relativo pleno emprego”³⁷.

Porém, o modelo neoclássico não fora muito útil para a análise e explicação das experiências migratórias atuais. Seu foco limitado na maximização do lucro e a suposição de que a tomada de decisão obedece a uma racionalidade econômica baseada em informação perfeita têm pouco a ver com a realidade da maioria dos fluxos migratórios, o que levou alguns economistas a criticarem o individualismo metodológico neoclássico. Os protagonistas da “nova economia da migração do trabalho”³⁸ (NEMT) focam em estratégias familiares para a maximização dos rendimentos e diversificação dos riscos. Pesquisadores da NEMT utilizam-se dos métodos de pesquisa etnográfica (tais como entrevistas qualitativas e estudos dos domicílios) para entender as decisões migratórias, mas mantém a ênfase na tomada de decisão econômica racional. As teorias da NEMT não levam suficientemente em conta os diversos fatores não-econômicos que condicionam a migração.

³⁶ MASSEY, Douglas *et alii*, *op. cit.*, cap. 2.

³⁷ RANIS, Gustav. *Relationships between Migration and Development*.

³⁸ STARK, Oded. *The Migration of Labour*; TAYLOR, J. Edward. “The new economics of labour migration and the role of remittances in the migration process”.

Collinson³⁹ sugere que a necessidade de uma abordagem político-econômica sobre migrações, que conecte a análise de fatores em nível local que influenciam as decisões migratórias e as estratégias de subsistência com fatores políticos, econômicos e sociais em diferentes níveis que afetam o protagonismo (*agency*) do migrante. Isso significaria, conforme sugerido por Collinson⁴⁰:

as interconexões entre diferentes fluxos migratórios; a importância da *agency*, autonomia, percepções, fatores culturais e históricos e limitações institucionais; a complexidade multinivelada e a natureza transnacional das migrações; e a importância dos grupos sociais e dos relacionamentos – incluindo as redes migratórias – que atravessam os locais ‘de envio’, ‘de acolhida’ e ‘de trânsito’, para condicionar as dinâmicas das migrações e as experiências migratórias, e uma série de atores dentro destes.⁴¹

Esta lista indica a grande *complexidade* do processo migratório. Os fatores econômicos são importantes, mas dificilmente são suficientes para se entender qualquer experiência específica. Complexidade também implica diversidade: se há tantos fatores, as possíveis combinações tornam-se infinitas, o que, por sua vez, aponta para o papel crucial do *contexto* - os vínculos entre migração e outras relações econômicas, sociais, políticas e culturais vigentes em lugares específicos numa determinada conjuntura histórica. Uma compreensão histórica das sociedades e das relações entre elas é crucial. Por exemplo, nenhuma análise das migrações para a Grã Bretanha poderia ser completa sem uma compreensão da história do colonialismo e do racismo britânico; nenhuma análise da migração mexicana para os EUA poderia ser válida sem considerar a expansão histórica dos EUA e suas políticas de recrutamento de mão-de-obra no passado.

Da grande teoria à teoria interdisciplinar de médio alcance

A teoria das migrações precisa fornecer um marco que possibilite o entendimento das dinâmicas da migração internacional e a incorporação em uma situação de transformações rápidas e complexas⁴². Seria uma teoria geral capaz de fazer isso? As teorias gerais raramente são interdisciplinares

³⁹ COLLINSON, Sarah. “The Political Economy of Migration Processes: An Agenda for Migration Research and Analysis”.

⁴⁰ *Apud* GOLD, Steven J. “Migrant networks: a summary e critique of relational approaches to international migration”.

⁴¹ COLLINSON, Sarah, *op. cit.*, p. 5-6.

⁴² Cf. KING, Russel. “Towards a new map of European migration”.

– ao invés disso, elas tendem a definir estruturas lógicas que abarcam todas as formas possíveis de comportamento, a partir da perspectiva teórica de uma única disciplina. Essa é a razão pela qual o rótulo de “grande teoria” é muitas vezes empregado em sociologia para o “sistema social” de Talcott Parson⁴³ ou para a ideia de “sociedade mundial”⁴⁴. A complexidade do comportamento migratório, que perpassa todas as áreas da existência humana, não pode ser facilmente acomodada dentro de estruturas tão elegantes. Como discutido em artigo JEMS anterior⁴⁵, Alejandro Portes argumentou fortemente contra a ideia de uma teoria geral abrangente para estudos de migrações. Ao invés disso, pesquisadores deveriam enfatizar a complexidade, as contradições e as consequências não intencionais da ação social.⁴⁶ Isso implica no retorno ao conceito de “teorias de médio alcance” de Merton: “teorias especiais aplicáveis a limitados conjuntos de dados – por exemplo, teorias de dinâmicas de classe, de pressões de grupos conflitantes, de circulação de poder e exercício de influência interpessoal...”.⁴⁷

Em pesquisas sobre migrações, uma teoria de médio alcance permitiria a análise das regularidades e variações em tipos específicos de migrações que compartilham algumas características em comum: por exemplo, fluxos de diferentes tipos (ex: migração laboral e migração de asilo) pertencentes a o mesmo sistema migratório (ex: o sistema que liga França e Argélia, ou Reino Unido e Nigéria). Outro exemplo poderia ser os fluxos de migração laboral de países pobres para países ricos numa determinada fase econômica (ex: o período da globalização neoliberal desde os anos 70 até 2008) dentro de um conjunto de sistemas de migração (tais como aquele que liga o sul da Ásia e o Golfo, e aquele que liga o sudeste e o leste asiático). Tais teorias de médio alcance poderiam reunir todo o conhecimento apresentado por todas as diferentes ciências sociais que tratam de migrações. O que as teorias de médio alcance não poderiam – e não deveriam – buscar é o estabelecimento de regras para a análise de todos os tipos de migrações, independentemente de tempo ou espaço.

Em *Worlds in Motion*, Massey e seus colegas afirmam que: “nossa revisão sugere um esboço de uma teoria integrada de migrações internacionais’. Ela deveria conter:

⁴³ PARSONS, Talcott. *The Social System*.

⁴⁴ LUHMANN, Niklas. *Die Wissenschaft der Gesellschaft*.

⁴⁵ CASTLES, Stephen. “Twenty-first century migration as a challenge to sociology”.

⁴⁶ PORTES, Alejandro. “Immigration theory... *op. cit.* PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. “A cross-Atlantic dialogue: the progress of research and theory in the study of international migration”.

⁴⁷ MERTON, Robert K. *Social Theory and Social Structure*, p. 9.

... quatro elementos básicos: um tratamento das forças estruturais que promovem a emigração de países em desenvolvimento; uma caracterização das forças estruturais que atraem imigrantes para países desenvolvidos; uma consideração das motivações, metas e aspirações das pessoas que respondem a essas forças estruturais se tornando migrantes internacionais; e um tratamento das estruturas sociais e econômicas que surgem a fim de conectar áreas de emigração e imigração. Qualquer explicação teórica que contenha somente um desses elementos será necessariamente incompleta e enganosa...⁴⁸

Esses quatro elementos incluem os aspectos fundamentais de um marco conceitual interdisciplinar para estudos de migrações, uma vez que abarcam não somente macroestruturas em áreas de origem e destino, mas também mesoestruturas desenvolvidas para esses processos migratórios, e – importante – o protagonismo (*agency*) dos próprios migrantes. No entanto, um problema persiste: o de relacionar esta perspectiva geral com as teorias disciplinares específicas tão habilmente examinadas em *Worlds in Motion*. Massey e seus colegas alegam que:

...todas as teorias desempenham algum papel na explicação das migrações internacionais no mundo contemporâneo, ainda que diferentes modelos predominam em diferentes fases do processo migratório e diferentes explicações possuem pesos diferentes em regiões diferentes dependendo das circunstâncias locais de história, política e geografia.⁴⁹

Portanto, eles argumentam que a teoria do sistema mundo é melhor para explicar a emigração de países em desenvolvimento, enquanto partes da teoria do sistema mundo, da teoria do mercado de trabalho segmentado e da macroeconomia neoclássica podem ser integradas para explicar as forças que atraem migrações para países de destino desenvolvidos – e assim por diante para os quatro “elementos básicos”.⁵⁰ É difícil identificar esta abordagem eclética como sendo a base para uma ‘teoria integrada’ ou mesmo para um marco analítico coerente. De fato, parece existir um risco de se fazer escolhas arbitrárias em relação a quais partes da teoria utilizar em diferentes circunstâncias.

Essas considerações ajudam a esclarecer os requisitos para a teoria da migração: ela deve assumir a forma de um amplo marco conceitual, capaz de auxiliar a integração das análises de processos migratórios específicos, por meio de várias disciplinas das ciências sociais. No entanto, este marco não pode utilizar várias abordagens teóricas de forma arbitrária,

⁴⁸ MASSEY, Douglas *et alii*, *op. cit.*, p. 281.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem*.

escolhendo as partes que se aplicam e deixando de fora aquelas que não se aplicam. Um marco conceitual precisa ser capaz de acomodar todos os fatores e interações que formam um determinado processo migratório. No entanto, isso não significa a produção de uma análise livre de contradições. A falta de coerência entre os resultados de diferentes disciplinas, paradigmas e metodologias pode ser um indicador importante de lacunas de conhecimento e de áreas de pesquisa, mas pode também demonstrar a necessidade de revisão do marco conceitual. É assim que teorias de médio alcance se desenvolvem – sem nunca pretender apresentar uma verdade universalmente válida.

Um marco de transformação social para os estudos das migrações

A consciência da complexidade, diversidade e da importância do contexto pode conduzir à ideia de que a construção de uma teoria não faz sentido, uma vez que cada caso parece ser singular. Isso poderia fomentar uma fragmentação pós-moderna do conhecimento, baseada na ideia de que tudo é específico e que não há tendências sociais amplas ou padrões institucionais. Contudo, tal perspectiva ignoraria a realidade de processos de integração global que geram, mais do que nunca, níveis mais altos e difundidos de integração econômica, política, social e cultural. As relações sociais contemporâneas apresentam enorme diversidade, mas se trata de diversidade dentro de relações de poder e desigualdades cada vez mais universais. Dessa forma, a maneira mais importante de alcançar avanços nos estudos das migrações é vinculá-los mais estreitamente com uma teoria social mais ampla.

Reinsereir (re-embedding) as migrações na transformação social

A análise de processos de transformação social pode fornecer a base para um novo entendimento das ligações entre mobilidade humana e mudança social. A transformação social pode ser definida como sendo uma mudança fundamental na forma por meio da qual a sociedade se organiza, que vai além dos processos contínuos de mudança social gradativa que estão sempre em funcionamento. Isso implica numa “mudança radical” em que todos os padrões sociais existentes são questionados e muitos deles redefinidos. As transformações sociais estão intimamente relacionadas a grandes mudanças nas relações econômicas, políticas e estratégicas dominantes.

Um ponto de partida útil para uma teoria contemporânea da transformação social é o trabalho de Polanyi (publicado pela primeira vez

em 1944)⁵¹ sobre a “grande transformação” das sociedades europeias. De acordo com Polanyi, o liberalismo de mercado do século XIX ignorou o *enraizamento* (*embeddedness*) da economia na sociedade (i.e. seu papel na consecução das metas sociais estabelecidas pela política, pela religião e pelos costumes sociais). A tentativa liberal de *desarraigar* (*disembed*) o mercado representa uma “mera utopia” e levou a um movimento duplo – um contramovimento de proteção a fim de ressubordinar a economia à sociedade. Infelizmente, no início do século XX, o contramovimento levou inevitavelmente ao fascismo e à guerra mundial.⁵²

Os processos intimamente ligados da acelerada globalização econômica e de reconfiguração das relações de poder político e militar, desde o fim da Guerra Fria, representam uma “mudança radical contemporânea” – uma nova “grande transformação”. Estas mudanças econômicas e políticas fundamentais estão interligadas com a transformação das relações sociais. No nível estrutural, as transformações sociais em países desenvolvidos podem ser vistas no fechamento de indústrias antigas, na reestruturação das forças de trabalho, na erosão do Estado de bem estar social, na fragmentação das comunidades e na redefinição das identidades sociais. Em países menos desenvolvidos, as formas de transformação social incluem a intensificação da agricultura, a destruição das comunidades rurais de subsistência, a erosão das ordens sociais locais e a formação de áreas marginais dentro das novas grandes cidades.

A ideia de Polanyi de “movimento duplo” pode ser compreendida através das lentes modernas do conceito de ação social (*agency*). Os processos de transformação social são mediados por padrões históricos e culturais locais, por meio dos quais as pessoas desenvolvem diversas formas de ação social (*agency*) e resistência. Estas podem assumir a forma de movimentos religiosos ou nacionalista, mas também de estratégias individuais ou familiares de subsistência, incluindo migração rural-urbana ou internacional. O recente surto de migrações Sul-Norte pode ser melhor compreendido, por meio da análise dessas mudanças e suas complexas conexões. Aqui também podemos analisar a ação social (*agency*) nos novos movimentos sociais que emergiram: somente em 2006, por exemplo, houve grandes movimentos de greves de trabalhadores do sul da Ásia nos Estados do Golfo, manifestações de migrantes nos EUA por legalização e direitos, e movimentos de jovens de origem migrante contra a repressão policial na França.

⁵¹ POLANYI, Karl. *The Great Transformation*.

⁵² *Ibidem*.

No passado, pesquisas sobre migrações tiveram pouco impacto sobre as principais teorias da ordem social e da diferenciação. No entanto, nos dias de hoje, a globalização tem desafiado modelos nacionais nas ciências sociais e chamado a atenção para fluxos transfronteiriços como instrumentos fundamentais de mudança. Há sinais de uma nova ênfase na mobilidade humana, e alguns importantes trabalhos sobre mudança global⁵³ agora enfatizam a centralidade das migrações nas relações sociais. Esta mudança não é surpreendente: se o princípio do “*container social*”, segundo o qual todas as relações sociais ocorrem dentro do Estado-nação⁵⁴ não é mais sustentável (ainda que como um mito), então os fluxos através das fronteiras se tornam uma área crucial de pesquisa para as ciências sociais.

O conceito de *enraizamento* (*embeddedness*) pode desempenhar um papel importante no entendimento da globalização e suas consequências para a mobilidade humana. Da mesma forma que os liberais do século XIX definiram as questões econômicas como sendo isoladas do restante da sociedade, os neoliberais promoveram a globalização como sendo um fenômeno predominantemente econômico. A ‘Nova Economia’ foi retratada como o resultado do aumento dos investimentos externos diretos, a desregulamentação dos fluxos internacionais de capital, tecnologia e serviços e a criação de um sistema de produção global.⁵⁵ De acordo com a ideologia neoliberal, a eficácia superior dessa economia mundo foi garantida pela racionalidade do processo decisório por parte das corporações multinacionais (CMNs) e pela ‘mão invisível’ dos mercados financeiros e de bens globais. A premissa básica da globalização era a “liderança da economia sobre a civilização”.⁵⁶ Essa ideologia foi resumida pelo ‘Consenso de Washington’ sobre a importância da liberalização dos mercados, das privatizações e da desregulamentação.⁵⁷

Mas a tentativa neoliberal de desarraigar (*disembed*) a globalização econômica do seu contexto social foi, de fato, extremamente política, uma vez que ela fez com que as mudanças globais fossem definidas como sendo uma forma de modernização inevitável e desejável – que somente poderia ser combatida por povos atrasados ou líderes fundamentalistas.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt, *op. cit.*; BECK, Ulrich. “Beyond class and nation: reframing social inequalities in a globalizing world”; COHEN, Robin; KENNEDY, Paul. *Global Sociology*; HELD, David; MCGREW, Anthony; GOLDBLATT, David; PERRATON, Jonathan. *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*.

⁵⁴ FAIST, Thomas, *op. cit.*

⁵⁵ PETRAS, James; VELTMAYER, Henry. “Globalisation or imperialism?”, p. 2.

⁵⁶ SAUL, John R. *The Collapse of Globalism and the Reinvention of the World*, p. xi.

⁵⁷ STIGLITZ, Joseph E. *Globalization and its Discontents*, p. 67.

É evidente que a globalização não se refere somente à economia: foi um *processo político*, concebido em termos ideológicos:

Para os teóricos deste processo e seus muitos defensores, estes fluxos..., junto à integração econômica e à transformação social resultantes, cunharam uma nova ordem mundial, com instituições próprias e configurações de poder, que substituíram as estruturas anteriores associadas ao Estado-nação e criaram novas condições de vida em todo o mundo.⁵⁸

O paradigma da globalização emergiu no contexto das estratégias políticas da era Reagan-Thatcher, projetadas para restringir o estado de bem-estar social e os níveis relativamente altos de salários durante o *boom* do período pós-guerra. A desregulamentação econômica, a abertura do mercado e o enfraquecimento dos sindicatos levaram a grandes mudanças sociais nos EUA e na Inglaterra. Outros países desenvolvidos foram obrigados a revisar seus estados de bem-estar e seus “benefícios sociais” para manterem-se competitivos, gerando um declínio da proteção trabalhista e um aumento da segmentação do mercado de trabalho (veja abaixo).

Até mesmo uma economia mundial neoliberal necessita de mecanismos de controle, mas estes não deveriam ser providos por governos nacionais (os quais, ao menos em alguns casos, foram eleitos democraticamente), e sim por instituições internacionais, em especial pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pelo Banco Mundial e pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Seu objetivo não era o de proteger economias fracas ou grupos sociais vulneráveis, mas sim assegurar que todas as economias e sociedades fossem expostas aos ventos gélidos da competitividade – particularmente através do mecanismo de “programas de ajuste estrutural”.⁵⁹ O sonho neoliberal seria corroído pelo colapso financeiro mundial de 2007-2009 que estava por vir. Apesar de hoje em dia economistas e políticos falarem de uma abordagem “pós-consenso de Washington” para o comércio mundial e os investimentos, mudanças fundamentais no poder e na governança econômica ainda não de emergir.

Uma teoria de mudança global, na qual a economia é tratada como desarraigada (*disembedded*) da sociedade, e as consequências políticas e sociais são tratadas como “externalidades” inevitáveis (como aludem os economistas), leva também a um entendimento desarraigado (*disembedded*) das migrações. Isso significa procurar os determinantes das migrações num leque de escolhas racionais baseadas em interesses

⁵⁸ PETRAS, James; VELTMAYER, Henry, *op. cit.*, p. 2.

⁵⁹ STIGLITZ, Joseph, *op. cit.*

econômicos. É ignorado, assim, o elo essencial com as enormes mudanças nas relações sociais e políticas globais, e com os processos de transformação social resultantes.

Uma abordagem alternativa é não conceituar a migração apenas como um produto da transformação social ou como uma de suas causas, mas sim como parte integral e essencial dos processos de transformação social. Isso significa que as teorias de migração devem estar enraizadas (*embedded*) à teoria social mais ampla. Isso significa também que a pesquisa sobre qualquer fenômeno migratório específico deve sempre incluir uma pesquisa sobre o contexto social em que ele acontece. Finalmente, devido ao fato de que a consciência da mudança geralmente começa em nível local, é importante vincular experiências migratórias em nível local (seja no local de origem ou de acolhida) com outros níveis socioespaciais – e principalmente com os processos globais.

Teoria da transformação social e teoria das migrações

Podemos nos inspirar em ideias emergentes de uma série de disciplinas para desenvolver uma nova abordagem do entendimento das relações entre migração e transformação. Em economia, Stiglitz apresentou uma crítica à globalização econômica neoliberal, derivada do conceito da transformação de Polanyi.⁶⁰ Para ele, o “duplo movimento” é representado pelo ativismo antiglobalização.⁶¹ Milanovic mostra que a alegação neoliberal de melhorar os resultados econômicos dos países pobres mascarou um aumento enorme da desigualdade.⁶² Em economia política, o modelo neoliberal é criticado como sendo uma nova utopia da economia global autoregulada.⁶³ Tais ideias refletem a crítica Polanyiana de tentativas de desarraigar (*disembed*) a economia da sociedade, mas elas são essencialmente críticas de cima para baixo e falham em analisar os efeitos locais de forças econômicas e políticas globais. Sobre isso, as teorias críticas e as abordagens neoliberais mostram certa similaridade em seu determinismo e na exclusão da ação humana (*agency*).

Este unilateralismo pode ser contradito ao se aplicar conceitos e metodologias sugeridos por sociólogos, geógrafos e antropólogos. O Grupo de Pesquisa em “Transformação Social e Sociologia do Desenvolvimento

⁶⁰ *Ibidem*. Ver também: STIGLITZ, Joseph E. “Towards a new paradigm for development: strategies, policies and processes”.

⁶¹ Cf. Prefácio de Stiglitz a POLANYI, Karl, *op. cit.*

⁶² MILANOVIC, Branko. “Globalization e inequality”.

⁶³ PETRAS, James; VELTMAYER, Henry, *op. cit.*; WEISS, Linda. *The Myth of the Powerless State: Governing the Economy in a Global Era*.

to” da Associação Internacional de Sociologia (AIS)⁶⁴ usa o conceito de “globalização” para analisar elos entre as forças globais e o mundo local e aplicou esta abordagem no estudo das migrações e etnicidade. Outros sociólogos mostram como os movimentos identitários surgem em reação à globalização.⁶⁵ Geógrafos sociais desenvolveram novos caminhos para entender o significado variável de ‘território’ e as relações entre níveis espaciais.⁶⁶ A antropologia social distanciou-se dos velhos ideais de autenticidade e singularidade para estudar as reações individuais e grupais às forças globalizantes.⁶⁷

Estas tendências na teoria social têm tido influência considerável nos estudos migratórios. Como anteriormente mencionado, os economistas se tornaram cada vez mais críticos às suposições da teoria neoclássica e estão investigando o papel da família, comunidade e outros atores sociais nos processos migratórios. A “nova economia da migração do trabalho” (NEMT) pretende superar o individualismo metodológico neoclássico, usando investigações em domicílios para entender como a migração pode ser uma estratégia coletiva de diversificação de risco antes que de maximização de renda. Os teóricos da NEMT analisam as migrações como uma estratégia para superar as limitações do mercado local e outros entraves ao desenvolvimento, através das remessas financeiras que podem servir como capital de investimento.⁶⁸ Em economia política, uma nova abordagem desenhada para corrigir o tradicional viés macro e de análise “de cima para baixo”, é o desenvolvimento de pesquisas de economia política em nível “micro” ou “relacional” sobre meios de subsistência e cadeias produtivas em áreas de conflito.⁶⁹

Uma das inovações mais bem aceitas na teoria das migrações desde os anos 80 tem sido a adoção das teorias das redes, as quais focam a ação (*agency*) coletiva dos migrantes e comunidades na organização de processos migratórios e de integração.⁷⁰ As redes informais proporcionam recursos vitais a indivíduos e grupos. No contexto dos países de saída, as redes são muitas vezes analisadas como mecanismos de transmissão de *capital cultural* (especialmente informação sobre oportunidades de migra-

⁶⁴ SCHUERKENS, Ulrike (ed.). *Global Forces and Local Life-Worlds: Social Transformations*.

⁶⁵ CASTELLS, Manuel. *The Power of...*, op. cit.

⁶⁶ LUSSAULT, Michel. *L'Homme spatiale: La Construction sociale de l'être humain*. SASSEN, Saskia. *Territory, Authority, Rights: from Medieval to Global Assemblages*.

⁶⁷ LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. “Conceptualising simultaneity: a transnational social field perspective on society”.

⁶⁸ STARK, Oded, op. cit. Ver também: TAYLOR, J. Edward, op. cit.

⁶⁹ COLLINSON, Sarah. *Power, livelihoods e conflict: case studies in political economy analysis for humanitarian action*; IDEM. *The Political...*, op. cit.

⁷⁰ BOYD, Monica. “Family and personal networks in migration”. Ver também: PORTES, Alejandro; BACH, Robert L. *Latin Journey: Cuban and Mexican Immigrants in the United States*.

ção, redes e rotas), enquanto no contexto da integração do migrante nas sociedades de acolhida, a ênfase incide sobre o *capital social*⁷¹, (relações pessoais, família e padrões domésticos, amizade e laços comunitários e ajuda mútua em assuntos econômicos e sociais). Uma nova tendência na análise da ação social (*agency*) do migrante pode ser encontrada na teoria transnacional.⁷²

Esta breve revisão reflete a força de um novo pensamento sobre a conectividade global na teoria social e mostra como tais ideias influenciam em muitos aspectos da pesquisa migratória. Portanto, o projeto de elaboração de um marco de transformação social para analisar a migração, não parte necessariamente do zero. Mais propriamente, a tarefa é unir as novas abordagens e pontos de vista de forma detalhada e sistemática para que sirvam como um marco coerente para a teoria das migrações e metodologia da pesquisa. Esta tarefa não pode ser aqui desenvolvida, mas um exemplo será apresentado para mostrar como a compreensão das experiências migratórias locais pode ser melhorada a partir da análise das transformações sociais globais.

Um exemplo: as dinâmicas da migração e da força de trabalho na Nova Economia

Uma das tendências mais dramáticas e talvez mais surpreendentes dos últimos 20 anos tem sido a reestruturação da força de trabalho nos países ricos, através de práticas empregatícias como a subcontratação, o emprego temporário e trabalho ocasional. Estritamente relacionados estão a expansão da economia informal e o crescimento do trabalho doméstico e de cuidado com pessoas, que frequentemente emprega mulheres subjugadas a condições exploratórias. Tais formas de trabalho afetam também os nativos, mas os imigrantes são muito mais passíveis de encontrar-se em condições precárias de trabalho.⁷³

As análises convencionais das mudanças no mercado de trabalho geralmente atribuem o declínio das condições de emprego e o aumento da polarização dos mercados de trabalho à fácil disponibilidade de mão de obra migrante, normalmente irregular. Isso permite que políticos e

⁷¹ BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An Invitation to Reflexive Sociology*, p. 119.

⁷² GUARNIZO, Luis; PORTES, Alejandro; HALLER, William. "Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants"; PORTES, Alejandro; ESCOBAR, Cristina; RADFORD, Alexandria Walton. "Immigrant transnational organizations and development: a comparative study"; VERTOVEC, Steven. "Migrant transnationalism and modes of transformation".

⁷³ SCHIERUP, Carl-Ulrik; HANSEN, Peo; CASTLES, Stephen. *Migration, Citizenship and the European Welfare State: a European Dilemma*.

setores da mídia defendam um controle rígido da imigração, supostamente para “proteger trabalhadores locais”. No entanto, alguns cientistas sociais argumentam que a causalidade atua na direção contrária: a desregulação econômica e as práticas empregatícias criaram setores informais de trabalho, gerando um fator de atração para migrantes irregulares.⁷⁴ Isso se aplica mais visivelmente ao sul da Europa, mas o trabalho informal é difundido em toda a Europa ocidental e do norte, por exemplo, na agricultura, nos serviços de limpeza e de cozinha, mas também (ao menos na Inglaterra) em ocupações como guardas de trânsito e seguranças - ambos os serviços transferidos por autoridades públicas a empresas subcontratadas.

A análise baseada num marco de transformação social partiria do princípio de que mudanças na situação do trabalho e da posição social dos trabalhadores nas economias avançadas estão conectadas à reestruturação em nível global do investimento, produção e comércio. A transformação social nos países desenvolvidos pode ser vista no fechamento de velhas indústrias, na reestruturação da força de trabalho, na erosão do estado de bem estar social e no declínio das tradicionais comunidades da classe trabalhadora. Isto, combinado à mudança demográfica (especialmente o envelhecimento da população) e às exigências empregatícias para os novos tipos de indústria de serviços, gerou a demanda por mão de obra migrante. Em países menos desenvolvidos, a transformação social dos modos de produção e das relações sociais, anteriormente mencionadas encoraja a emigração na procura de uma vida melhor e maior segurança. O aumento da migração Sul-Norte pode ser melhor compreendido mediante a análise dessas mudanças complementares e suas articulações complexas.

Portanto, a reestruturação neoliberal levou a uma nova geografia social global. Nos anos 80, Sassen⁷⁵ mostrou como o investimento estrangeiro e o deslocamento de empregos manufatureiros para o exterior fomentaram novos fluxos migratórios aos EUA. As vinculações entre cidades globais e regiões remotas criaram situações nas quais grandes riquezas e empregos profissionais altamente remunerados coexistiam com um número crescente de trabalhos pouco-qualificados da indústria de serviços e condições empregatícias de estilo terceiro-mundista em indústrias *underground*. O subsequente desenvolvimento da nova geografia social global é melhor ilustrado através de estudos em nível local ou nacional.

⁷⁴ REYNERI, Emilio. “Immigration and the underground economy in new receiving South European countries: manifold negative effects, manifold deep-rooted causes”.

⁷⁵ SASSEN, Saskia. *The Mobility of Labour and Capital*.

Immanuel Ness examinou a transformação econômica da cidade de Nova Iorque.⁷⁶ No início do século 20, a mão de obra imigrante advinda do Sul e do Leste Europeu foi crucial para o surgimento das indústrias têxtil, de impressão, de embalagens de alimentos, de construção e de transportes. A indústria era concentrada em “zonas étnicas” e imigrantes chegavam para formar a espinha dorsal do forte movimento operário da cidade. No final do século 20, essas indústrias tradicionais foram reestruturadas e muitos dos empregos de produção foram deslocados para os países do “*sunbelt*” americano sem tradição sindicalista ou para os “*off-shore*” do Caribe, América Latina e Ásia. Muitos novos empregos foram criados na venda a varejo, em serviços pessoais e empresariais. Os piores trabalhos eram realizados pelos migrantes indocumentados advindos da República Dominicana, do México e da África ocidental francófona, que competiam por postos precários e de exploração como trabalhadores em supermercados, entregadores e ajudantes de cozinha.⁷⁷ Assim como antes, a nova economia é fortemente estratificada na base da etnicidade, mas isso agora não proporciona mais uma base para a solidariedade e sindicalização, pois os empregos e os trabalhadores estão dispersos por toda a cidade.

A indústria de construção de Berlim proporciona outro exemplo. Após a reunificação alemã em 1990 e a transferência do governo para Berlim, a cidade experimentou um forte crescimento da construção civil sem precedentes. Porém, ao final de 1996, 25% dos desempregados em Berlim eram trabalhadores da construção civil. Alguns empregadores admitiram trabalhadores poloneses, que chegavam através de esquemas de trabalho temporário. Outra opção era subcontratar firmas portuguesas para contratar seus próprios trabalhadores (com custo menor) através da livre circulação na União Europeia. Além do mais, muitos trabalhadores viajavam diariamente advindos do interior de Breenburg, na antiga Alemanha do Leste. Esta competição teve efeitos adversos nos trabalhadores da construção civil sindicalizados, muitos dos quais eram estrangeiros residentes, há muito tempo, em Berlim. No antigo modelo germânico de emprego de longo prazo, a firma e o sindicato eram campos de comunicação e integração interétnica. O racismo contra os migrantes era menos evidente no trabalho do que em outras áreas sociais. O declínio deste modelo e sua substituição por trabalhadores contratados, por conseguinte, teve efeitos negativos na integração social e nas relações intergrupais, o que certamente representou um dos fatores por trás do

⁷⁶ NESS, Immanuel. *Immigrants, Unions and the New US Labor Market*, cap. 2.

⁷⁷ *Ibidem*.

aumento do racismo e da violência racial subsequente à reunificação Alemã.⁷⁸

A indústria têxtil proporciona muitos exemplos da capacidade de empreendimento étnico e de hierarquias baseadas na raça e no gênero em todo o mundo.⁷⁹ Na Grã Bretanha, as divisões baseadas no tipo étnico e no gênero permitiram o renascimento da produção têxtil, depois de parecer estar fadada ao desaparecimento, devido a terceirizações para economias de baixos salários.⁸⁰ A partir dos anos 70, a administração, *design e marketing* das peças de roupas se concentraram intensamente em poucas grandes companhias britânicas de comércio varejista, amplamente capitalizadas.⁸¹ A produção doméstica de roupas entrou em rápido declive. Durante os anos 60 e 70, a força de trabalho imigrante na indústria têxtil foi majoritariamente de imigrantes masculinos de primeira geração, especialmente paquistaneses, indianos e de Bangladesh. Muitos destes trabalhadores perderam seus empregos e, então, tornaram-se prestadores de serviços para as grandes lojas de roupas, criando pequenas fábricas independentes e autorizadas, baseadas na exploração de mão de obra barata de minorias étnicas ou de famílias migrantes. As mulheres migrantes se tornaram o centro da força de trabalho nestas fábricas. A redução dos custos se alcançava devido à natureza deste setor, como uma economia submersa – que também ajudou os produtores a evitarem os impostos. Este estado de informalidade servia tanto aos interesses econômicos dos grandes varejistas quanto dos prestadores de serviços intermediários do grupo étnico, que conseguiam manter a força de trabalho feminina sob controle, através de laços de lealdade para a família e a comunidade étnica e pela dominação.⁸²

Cada um dos casos mencionados acima tem características distintas, mas também revela padrões recorrentes que mostram as conexões entre experiências específicas e mudanças globais. Juntos, estes exemplos de reestruturação da força de trabalho somam-se a um novo processo de segmentação do mercado de trabalho. A oportunidade de ser empregado não depende somente da condição do capital humano (educação e habilidades), mas também do gênero, raça, etnia, origem e *status* legal. Cada caso reflete as complexas conexões entre a mudança da força de

⁷⁸ HUNGER, Uwe; THRÄNHARDT, Dietrich “Die Berliner Integrationspolitik im Vergleich der Bundesländer”.

⁷⁹ RATH, Jan. *Unravelling the Rag Trade: Immigrant Entrepreneurship in Seven World Cities*.

⁸⁰ Cf. PHIZACKLEA, Annie. *Unpacking the Fashion Industry: Gender Racism and Class in Production*.

⁸¹ MITTER, Swasti. “Industrial restructuring and manufacturing homework: immigrant women in the UK clothing industry”.

⁸² *Ibidem*. Ver também: SCHIERUP, Carl-Ulrik; HANSEN, Peo; CASTLES, Stephen, *op. cit.*, p. 235-237.

trabalho e os processos de transformação social, tanto no norte quanto no sul. As estratégias de pesquisa que se concentram em experiências específicas do trabalho dos migrantes e ignoram tais conexões não podem elucidar dinâmicas da mudança mais amplas.

Conclusões

O objetivo central deste artigo foi discutir algumas das dificuldades da construção de uma teoria nos estudos da migração e sugerir uma possível resposta. Os problemas incluem a superação das barreiras disciplinares, impedindo a fragmentação em subcampos isolados, evitando a cooptação política e burocrática, superando o viés da perspectiva do país de recepção e, mais importante, encontrando teorias e metodologias apropriadas que reflitam a complexidade, a diversidade e a contextualidade dos processos migratórios. A solução não está na formulação de uma única teoria geral das migrações - a qual se degeneraria, quase que inevitavelmente, em banalidade e abstração. Mas tampouco respostas serão encontradas abandonando a busca pelo progresso teórico, alegando que todo processo migratório é único e diferente.

A resposta sugerida é que os pesquisadores das migrações deveriam procurar desenvolver teorias de médio alcance que possam ajudar a integrar as ideias das diversas ciências sociais para entender as regularidades e as variações de uma série de processos migratórios dentro de uma constelação histórica socioeconômica determinada. Tais teorias de médio alcance podem formar a base para um marco conceitual que considera os processos de transformação social contemporâneos como o ponto de partida para compreender as mudanças nos padrões da mobilidade humana. Este marco conceitual consistiria de um mapeamento detalhado dos fatores que influenciam os processos migratórios e das conexões entre estes fatores. Os exemplos citados focaram nas dimensões de trabalho-mercado das migrações, mas é importante, além disso, incluir os diversos fatores não econômicos que fazem da migração uma experiência tão abrangente.

Um aspecto chave deste marco conceitual não deve se restringir à migração, mas procurar vincular a análise dos processos migratórios a teorias sociais mais amplas e, através disso, à análise da mudança social, em geral. O desenvolvimento da teoria da migração nesta conjuntura histórica deveria, então, ser vinculado à análise dos processos de transformação social em diferentes níveis socioespaciais: tanto a parte específica da pesquisa que parte de um fenômeno local, como aquela que parte de

um fenômeno global, ou de algum outro lugar intermediário, precisa ser baseada na consciência da conectividade entre as localizações e as mediações entre os níveis.

Bibliografia

- ALBA, Richard; NEE, Victor. "Rethinking assimilation theory for a new era of immigration", in *International Migration Review*, v. 31, n. 4, 1997, p. 826-874.
- ALBROW, Martin. *The Global Age*. Cambridge: Polity, 1996.
- BAKEWELL, Oliver. *Keeping them in their place: the ambivalent relationship between development e migration in Africa*. IMI Working Paper 8. Oxford: International Migration Institute, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalization: the Human Consequences*. Cambridge: Polity, 1998.
- BECK, Ulrich. *Was ist Globalisierung?* Frankfurt: Suhrkamp, 1997.
- _____. "Beyond class e nation: reframing social inequalities in a globalizing world", in *British Journal of Sociology*, v. 58, n. 4, 2007, p. 679-705.
- BHAGWATI, Jagdish. "Borders Beyond Control", in *Foreign Affairs*, v. 82, n. 1, 2003, p. 98-104.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- BOYD, Monica. "Family e Personal Networks in Migration", in *International Migration Review*, v. 23, n. 3, 1989, p. 638-670.
- BRETTELL, Caroline; HOLLIFIELD, James (eds.). *Migration Theory: Talking Across Disciplines*. New York e London: Routledge, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *End of Millennium*. Oxford: Blackwells, 1998.
- _____. *The Power of Identity*. Oxford: Blackwells, 1997.
- _____. *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwells, 1996.
- CASTLES, Stephen. *Development e Migration - Migration e Development: What Comes First?* New York: Social Science Research Council, 2008. Available at: <http://essays.ssrc.org/developmentpapers/wp-content/uploads/2009/08/2Castles.pdf>
- _____. "Guestworkers in Europe: A Resurrection?", in *International Migration Review*, v. 40, n. 4, 2006, p. 741-766.
- _____. "The factors that make e unmake migration policy", in *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, p. 852-884.
- _____. "Twenty-first century migration as a challenge to sociology", in *Journal of Ethnic e Migration Studies*, v. 33, n. 3, 2007, p. 351-371.
- _____. "Why migration policies fail", in *Ethnic e Racial Studies*, v. 27, n. 2, 2004, p. 205-227.
- CASTLES, Stephen; DELGADO WISE, Raúl (eds.). *Migration e Development: Perspectives from the South*. Geneva: International Organization for Migration, 2008.

- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Basingstoke e New York: Palgrave-Macmillan e Guilford, 2009.
- CEC. *Communication from the Commission: Policy Plan on Legal Migration*. COM(2005)669 final. Brussels: Commission of the European Communities, 2005.
- CEC. *Green Paper on an EU Approach to Managing Economic Migration*. COM(2004)811 final. Brussels: Commission of the European Communities, 2005.
- COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- COHEN, Robin; KENNEDY, Paul. *Global Sociology*. Basingstoke: Palgrave, 2000.
- COLLINSON, Sarah (ed.). *Power, livelihoods e conflict: case studies in political economy analysis for humanitarian action*. Humanitarian Policy Group Report 13. London: Overseas Development Institute, 2003.
- _____. *The Political Economy of Migration Processes: an Agenda for Migration Research e Analysis*. Working Paper 12. Oxford: International Migration Institute, University of Oxford, 2009. Available at: <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/wp12-collinson>.
- CONNELL, Robert W. "Why is classical theory classical?", in *American Journal of Sociology*, v. 102, n. 6, 1997, p. 1511-1557.
- DE HAAS, Hein. *Turning the Tide? Why 'Development Instead of Migration' Policies are Bound to Fail*. IMI Working Paper 2. Oxford: International Migration Institute, 2006.
- ENTZINGER, Han "The rise e fall of multiculturalism: the case of the Netherlands", in JOPPKE, Christian; MORAWASKA, Ewa (eds.). *Towards Assimilation e Citizenship: Immigration in Liberal Nation-States*. Basingstoke: Palgrave-Macmillan, 2003, p. 97-118.
- FAIST, Thomas. *The Volume e Dynamics of International Migration e Transnational Social Spaces*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GCIM. *Migration in an Interconnected World: New Directions for Action: Report of the Global Commission on International Migration*. Geneva: Global Commission on International Migration, 2005. Available at: <http://www.gcim.org/en/finalreport.html>.
- GOLD, Steven J. "Migrant networks: a summary e critique of relational approaches to international migration", in ROMERO, Mary; MAGOLIS, Eric (eds.). *The Blackwell Companion to Social Inequalities*. Malden MA: Blackwell, 2005, p. 257-285.
- GUARNIZO, Luis; PORTES, Alejandro; HALLER, William. "Assimilation e transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants", in *American Journal of Sociology*, v. 108, n. 6, 2003, p. 1211-1248.
- HATTON, Timothy; WILLIAMSON, Jeffrey. *Global Migration e the World Economy*. Boston: MIT Press, 2005.
- _____. *The Age of Mass Migration: Causes e Economic Effects*. Oxford e New York: Oxford University Press, 1998.
- HELD, David; MCGREW, Anthony; GOLDBLATT, David; PERRATON, Jonathan. *Global Transformations: Politics, Economics e Culture*. Cambridge: Polity, 1999.

- HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Josh. *The Handbook of International Migration: the American Experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999.
- HUNGER, Uwe; THRÄNHARDT, Dietrich. "Die Berliner Integrationspolitik im Vergleich der Bundesländer" in GESEMANN, Frank (ed.). *Migration und Integration in Berlin*. Opladen: Leske und Budrich, 2001, p. 109-25.
- JOPPKE, Christian; MORAWASKA, Ewa (eds.). *Towards Assimilation e Citizenship: Immigration in Liberal Nation-States*. Basingstoke: Palgrave-Macmillan, 2003.
- KING, Russel. "Towards a new map of European migration", in *International Journal of Population Geography*, v. 8, n. 2, 2002, p. 89-106.
- KING, Russell; SKELDON, Ronald. "'Mind the Gap!' Integrating Approaches to Internal and International Migration", in *International Journal of Population Geography*, v. 36, n. 10, 2010.
- KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1996.
- LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. "Conceptualising simultaneity: a transnational social field perspective on society", in *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, p. 1002-1039.
- LUHMANN, Niklas. *Die Wissenschaft der Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.
- LUSSAULT, Michel. *L'Homme spatiale: La Construction sociale de l'être humain*. Paris: Seuil, 2007.
- MANUH, Takyiwaa (ed.). *At Home in the World? International Migration e Development in Contemporary Ghana e West Africa*. Accra: Sub-Saharan Publishers, 2005.
- MASSEY, Douglas et alii. *Worlds in Motion*. Understeing International Migration at the End of the Millennium. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- MERTON, Robert. *Social Theory e Social Structure*. Glencoe: Free Press, 1957.
- MILANOVIC, Branko. "Globalization e inequality", in HELD, David; KAYA, Ayse (eds.). *Global Inequality: Patterns e Explanations*. Cambridge e Malden MA.: Polity, 2007.
- MITTER, Swasti. "Industrial Restructuring e Manufacturing Homework: Immigrant Women in the UK Clothing Industry", in *Capital e Class*, v. 27, 1986, p. 37-80.
- NESS, Immanuel. *Immigrants, Unions e the New U.S. Labor Market*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2005.
- PARSONS, Talcott. *The Social System*. Glencoe, Ill: Free Press, 1951.
- PENNINX, Rinus; BERGER, Maria; KRAAL, Karen (eds.). *The Dynamics of International Migration e Settlement in Europe*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.
- PETRAS, James; VELTMAYER, Henry. "Globalisation or imperialism?", in *Cambridge Review of International Affairs*, v. 14, n. 1, 2000, p. 1-15.
- PHIZACKLEA, Annie. *Unpacking the Fashion Industry: Gender Racism e Class in Production*. London: Routledge, 1990.
- POLANYI, Karl. *The Great Transformation*. Boston: Beacon Press, 2001.

- PORTES, Alejandro. "Immigration theory for a new century: some problems e opportunities", in *International Migration Review*, v. 31, n. 4, 1997, p. 799-825.
- PORTES, Alejandro; BACH, Robert L. *Latin Journey: Cuban e Mexican Immigrants in the United States*. Berkeley: University of California Press, 1985.
- PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh (eds.). "A cross-Atlantic dialogue: the progress of research e theory in the study of international migration", in *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, p. 828-851.
- _____. "Conceptual e Methodological Developments in the Study of International Migration", in *International Migration Review*, Special Issue, v. 38, n. 3, 2004, p. 1040-1074.
- PORTES, Alejandro; ESCOBAR, Cristina; RADFORD, Alexandria Walton. "Immigrant transnational organizations e development: a comparative study", in *International Migration Review*, v. 41, n. 1, 2007, p. 242-282.
- PRICE, C. *Southern Europeans in Australia*. Melbourne: Oxford University Press, 1963.
- RANIS, Gustav. *Relationships between Migration e Development: Future Directions for Research e Policy*. New York City: Social Science Research Council, 2009. Available at: http://essays.ssrc.org/developmentpapers/?page_id=3#panel1.
- RATH, Jan. *Unravelling the Rag Trade: Immigrant Entrepreneurship in Seven World Cities*. Oxford: Berg, 2002.
- REYNERI, Emilio. "Immigration e the underground economy in new receiving South European countries: manifold negative effects, manifold deep-rooted causes", in *International Review of Sociology*, v. 13, n. 1, 2003, p. 117-143.
- SASSEN, Saskia. *Territory, Authority, Rights: from Medieval to Global Assemblages*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2006.
- _____. *The Mobility of Labour e Capital*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SAUL, John R. *The Collapse of Globalism e the Reinvention of the World*. London: Atlantic Books, 2006.
- SCHIERUP, Carl-Ulrik; HANSEN, Peo; CASTLES, Stephen. *Migration, Citizenship e the European Welfare State: A European Dilemma*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- SCHUERKENS, Ulrike (ed.). *Global Forces e Local Life-Worlds: Social Transformations*. Thouse Oaks CA: Sage, 2004.
- STARK, Oded. *The Migration of Labour*. Oxford: Blackwell, 1991.
- STIGLITZ, Joseph E. *Globalization e its Discontents*. London: Penguin, 2002.
- _____. "Towards a new paradigm for development: strategies, policies e processes". *1998 Prebisch Lecture UNCTAD*. Geneva: World Bank, 1998.
- TAYLOR, J. Edward. "The new economics of labour migration e the role of remittances in the migration process", in *International Migration*, v. 37, n. 1, 1999, p. 63-88.
- UNDESA. *Trends in Total Migrant Stock: the 2005 Revision*. New York: United Nations Department of Economic e Social Affairs, 2005.
- UNDP. *Human Development Report 2009: Overcoming Barriers: Human Mobility*

- e Development. New York: United Nations Development Programme, 2009. Available at: <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2009/>.
- URRY, John. *Mobilities*. Cambridge: Polity, 2007.
- VASTA, Ellie. "From ethnic minorities to ethnic majority policy: multiculturalism e the shift to assimilationism in the Netherlands", in *Ethnic e Racial Studies*, v. 30, n. 5, 2007, p. 713-40.
- VASTA, Ellie; VUDDAMALAY, Vasoodeven (Eds.). *International Migration e the Social Sciences: Confronting National Experiences in Australia, France e Germany*. Basingstoke: Palgrave-Macmillan, 2006.
- VERTOVEC, Steven. "Migrant transnationalism e modes of transformation", in *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, p. 970-1001.
- WEISS, Linda. *The Myth of the Powerless State: Governing the Economy in a Global Era*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- WIMMER, Andreas; GLICK SCHILLER, Nina. "Methodological nationalism, the social sciences e the study of migration", in *International Migration Review*, v. 37, n. 3, 2003, p. 576-610.

Abstract

Understanding Global Migration. A Social Transformation Perspective

This article aims to examine some of the difficulties of theory formation in international migration studies, and to suggest a response. The starting point is an examination of the dominant perception of 'migration as a problem'. This is followed by a discussion of some key obstacles to theoretical advancement in migration studies. I argue that a general theory of migration is neither possible nor desirable, but that we can make significant progress by re-embedding migration research in a more general understanding of contemporary society, and linking it to broader theories of social change across a range of social scientific disciplines. A conceptual framework for migration studies should take social transformation as its central category, in order to facilitate understanding of the complexity, interconnectness, variability, contextuality and multi-level mediations of migratory processes in the context of rapid global change. This would mean examining the links between social transformation and human mobility across a range of socio-spatial levels, while always seeking to understand how human agency can condition responses to structural factors. The argument is illustrated through the example of the changing dynamics of labour forces in highly-developed countries.

Keywords: Migration theory; Social theory; Social transformation; Socio-spatial levels; Agency; Structure

Recebido para publicação em 10 de março de 2010.

Aceito para publicação em 29 de maio de 2010.

Received for publication on March 10th, 2010.

Accepted for publication on May 29th, 2010.